

# O TRIUNFO DA PALAVRA “FAMIGERADO”

Alessandro do Nascimento (Doutorando em Estudos Literários, UFU)

## RESUMO

A noção de profanação é fundamental no pensamento político de Giorgio Agamben. Segundo ele, a religião não é a esfera que liga os homens ao sagrado, mas a esfera de separação dessas duas dimensões. Nessa perspectiva, as coisas consagradas aos deuses são retiradas do livre uso humano, tornando-as indisponíveis. Radicalizando essa tese, Agamben a conjuga com a tese benjaminiana segundo a qual o capitalismo é a religião moderna. Nesse sentido, na sua produção de mercadorias, que em si mesmas são cindidas entre o valor de uso e valor de troca, o capitalismo torna cada vez mais todo e qualquer objeto consumível e trocável, mas não utilizável. Dessa forma, a religião capitalista, apropriando-se de quase todas as dimensões da vida humana, apresenta-se com improfanável, uma vez que profanar significa devolver ao uso daquilo que foi sacralizado. Partindo dessa compreensão, a interrogação a que o pensamento agambeniano convoca é a seguinte: como pensar em um uso profanado a partir daquilo que se apresenta como improfanável? Assim, este trabalho pretende mostrar como as noções de uso e profanação, com um funcionamento exemplar, evocam uma dimensão ética que parece impossível: a deposição das formas de vida produzidas pelas sociedades capitalistas.

**Palavras-chave:** sistemas de poder, narrativa, identidade cultural, João Guimarães Rosa, Famigerado.

## ABSTRACT

A reading of the short-story "Famigerado" by João Guimarães Rosa, this article aims to demonstrate that the narrative, through the representation of two distinct cultural identities, contrasts two powersystems. First, that of knowledge, represented by the physician; second, that of brute-force, represented by the outlaw. In the course of this confrontation these two *paper beings* ambition to conquer each other's power, but both - in the measure of their small victories - submit themselves to a greater power: the power of language.

**Keywords:** power systems, narrative, cultural identity, João Guimarães Rosa, Famigerado.

No conto “Famigerado”, Guimarães Rosa articula, de modo sutil, uma multiplicidade de nuances de poder entre as figuras centrais da narrativa: o jagunço Damázio dos Siqueiras e o médico. Esses dois personagens, diluindo suas motivações e intenções em um jogo discursivo oblíquo e intrincado, valem-se de distintas formas de autoridade para enfrentar a tensão desenvolvida no conto.

As convenções sociais<sup>1</sup> fazem-se presentes no texto por meio da contraposição de dois sistemas de poder: o do conhecimento, representado pelo médico, e o da violência, representado pelo jagunço de baixa escolaridade (que mal consegue pronunciar a palavra que busca entender). A peculiaridade dos indivíduos ficcionais é realçada por meio do forte contraste sócio cultural estabelecido entre as duas figuras centrais da narrativa, uma vez que, cada uma dessas figuras – na medida de suas diferenças – faz com que a outra se sobressaia. O texto, por meio dessa contraposição de sistemas, estrutura em suas linhas dois modelos culturais completamente antagônicos, mas de fácil assimilação mediante a perspectiva de valores socialmente instituídos. Faz-se pertinente, portanto, sublinhar na figura do médico, certo princípio de autoridade que se impõem sobre o pistoleiro. Ainda que Damázio seja um indivíduo à margem das leis e detenha o poder da força e das armas, em dado momento, o fardo das convenções impõe-se sobre ele, conduzindo-o a invejar a posição de destaque sociocultural do seu antagonista.

Pode-se inferir que o texto separa duas culturas distintas e contrárias<sup>2</sup>, evidenciadas por ações que ora as valorizam, ora as desvalorizam, sobretudo, aos olhos dos próprios personagens, que em dados momentos, ao se defrontarem com suas limitações, parecem ambicionar as qualidades alheias. Nesse contexto, cada um deles vai valer-se de

---

<sup>1</sup>A presente reflexão não ambiciona ajuizar valores políticos ou sociais a partir de determinada leitura do confronto que essa narrativa desenvolve, ao contrário, pretende-se, aqui, refletir sobre as diferentes articulações de linguagem características do discurso de cada personagem, encontrando lugares de imbricações entre as distintas culturas presentes nesse conto de Rosa.

<sup>2</sup>Cogita-se, sob a perspectiva dessas linhas, que esse médico-narrador é uma máscara de Guimarães Rosa, uma espécie de autor implícito, erguendo, nesse caso, o conflito entre o jagunço Damázio e o médico a uma possível metáfora acerca do embate entre a literatura popular e a literatura erudita. Para tanto, cabe destacar que Guimarães Rosa também era médico, e um homem de grande erudição acadêmica (detentor do poder do conhecimento formal, como o médico do conto), erudição essa, que pulsa nas linhas da narrativa aqui em análise. Rosa, desse modo, insere-se criticamente em seu discurso literário e “o discurso crítico é poder. Estar dentro do próprio discurso, significa estar, cego ao seu poder, pois o que é mais natural e não-dominativo do que falar da própria língua?” (EAGLETON, 2006, p.306)

sua especialidade, de seu “poder” cultural característico, para construir sua técnica discursiva visando convencer e desarticular emocionalmente o outro, uma vez que a tensão emocional e o convencimento “são os dois desejados efeitos imediatos de qualquer discurso. A comoção pode se esgotar no plano emocional, sem nenhum envolvimento ideológico; mas, o convencimento é a própria persuasão – aquela violência que o texto faz ao receptor, ao demovê-lo de suas convicções anteriores” (LYRA, 1992, p.167).Desse modo, esboça-se,sobre essa narrativa literária,um olhar crítico que vislumbra a linguagem como mecanismo de ascensão sobre o outro, e, em meio às particularidades e insuficiências que marcam qualquer texto, objetiva suscitar – em diferentes níveis – proposições de leitura e percepção que proporcionem novas reflexões a partir do conto em questão.

## AS MÚLTIPLAS FACES DO DISCURSO

Nesse conto de Rosa, o médico-narrador não é nomeado, permanecendo, no decorrer de toda a estória, sob a graça da sua profissão. Diferentemente do jagunço Damázio dos Siqueiras, cuja fama o precedia, o médico não aparenta ter uma história anterior ao evento narrado. Apesar de o texto oferecer subsídios para uma considerável quantidade de elucubrações, entre elas: estaria Damázio deixando claro que já conhecia o médico ou, de certo modo, já conhecia a sua “fama”, ao afirmar: “— *Vosmecê é que não me conhece.*” (ROSA, 1994, p.394)?No entanto, quanto a este pormenor, o texto abandona o leitor no campo das possibilidades, não das certezas, não se sabe, de modo factual, o que levou o jagunço a procurá-lo, tampouco, qual seria a razão de um notório matador, possuidor de um histórico rico em mortes, ter a necessidade de buscar comprovações, acerca de uma suposta ofensa verbal proferida por um rapaz do governo, antes de limpar sua honra com sangue, como era o costume entre os pistoleiros do interior. Não obstante, Luiz Bueno, em seu artigo:*Segundas estórias: uma outra leitura de “Famigerado”*, aborda,de modo intrigante, essa questão referente às reais motivações de Damázio ao deslocar-se de tão longe, na companhia de outros três cavaleiros, para procurar o médico.

Será que Damázio tem mesmo dúvida de que a palavra era ofensiva? A língua na prática tem muitas dimensões que os dicionários não podem capturar. Aquela qualificação lhe foi atribuída num contexto determinado e foi compreendida de alguma maneira lá no São João, por aqueles que convivem com Damázio e em relação a quem lhe interessa manter seu estatuto de forte. Era difícil ao jagunço provar que haveria “Vilta nenhuma, nenhum doesto” na palavra *famigerado*, para usar a fórmula cifrada que o nosso narrador evocaria para, num primeiro momento, ainda indeciso, indicar que nada havia de ofensivo. (BUENO, 2014, p.161)

Na leitura de Luiz Bueno, Damázio<sup>3</sup> não queria matar o rapaz do governo, pois isso poderia colocá-lo em uma posição dificultosa frente aos homens de poder do governo e, paralelamente, frente aos homens de poder da família dos Siqueiras. Na realidade, o jagunço procurava uma maneira de furtar-se a uma reação, sem que isso lhe manchasse a honra e a fama de homem matador.

Enfim, a motivação de Damázio ao procurar o doutor não era a de pôr a ofensa em pratos limpos para poder matar o moço do governo de consciência limpa (o que soa até estranho). *Era, isso sim, a de encontrar justificativa para não matar o moço do governo e ainda assim não perder o estatuto de valentão que lhe garantia o sustento e a posição social.* (BUENO, 2014, p.161, grifo do autor)

Sob outra perspectiva, no que tange uma suposta “fama” do médico, a narrativa conduz o leitor à opinião de que esse profissional era mesmo possuidor de uma considerável cultura, possuidor de um poder, de certo modo, precioso naquele arraial: o poder intelectual, ou, nas palavras do próprio pistoleiro: possuidor “*das grandezas machas duma pessoa instruída*”. (ROSA, 1994, p.396). Desse modo, não seria muito difícil que o médico, naquela região e proximidades, pudesse ser igualmente possuidor, mesmo que ele próprio desconhecesse, de determinada notoriedade de homem ilustrado nas letras.

Contudo, a despeito da comprovação de todo esse arcabouço de instrução formal, e mesmo da presumida “fama”, dele advinda, nesse momento inicial do texto, todos esses supostos predicados do médico de nada valem frente ao seu nervosismo perante a fortuita

---

<sup>3</sup>Um velho jagunço atrelado “à lógica do mandonismo, que pode estar com seus dias contados, mas ainda vive. Afinal, ele se apresenta como “Damázio, dos Siqueiras”, não como Damázio Siqueira, ou seja, como o indivíduo que se define por sua ligação com uma família não por laços de sangue, mas por laços de mando: ele é o jagunço dos Siqueiras.” (BUENO, 2014, p.160)

situação que, com a chegada do grupo de cavaleiros, se esboça junto à entrada do seu consultório.

Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse — ooh-homem-oh — com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. (...) O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar. (ROSA, 1994, p.393)

O tom suspicaz e temeroso do médico, evidenciado na citação anterior, demonstra a dúvida semeada, na leitura perceptiva desse personagem, com a chegada abrupta dos cavaleiros e com o comportamento paradoxal, no que tange a linguagem verbal em relação à linguagem corporal, do afamado pistoleiro que o interpela. Embora consciente da manifesta periculosidade do cavaleiro de “armas alimpadas”<sup>4</sup>, e atento em relação à obscuridade das atitudes desse homem<sup>5</sup>, o médico, ainda que, claramente, apreensivo e amedrontado, compreende que “*dar mostras de temeroso não lhe seria útil*” (ROSA, 1994, p.393), e aceita o jogo<sup>6</sup>, no qual o jagunço é quem abre o “carteado”, dando início às diferentes articulações engendradas por cada um desses personagens e suas distintas competências, agora imersas em um diálogo/confronto labiríntico.

A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. (ROSA, 1994, p.394)

A citação anterior do conto faz-se, sobremaneira, pertinente, porque, de certo modo, o “movimento interpretativo” que o médico tem que fazer para compreender

---

<sup>4</sup> “Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara — evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo!” (ROSA, 1994, p.394)

<sup>5</sup> A linguagem verbal de Damázio afirma um determinado entendimento, mas tal afirmação é, ao mesmo tempo, contradita pela linguagem corporal que emoldura o enunciado nela contido.

<sup>6</sup> “Embora conduza a *narração*, feita a posteriori, tudo parece indicar que quem conduz *as ações narradas* seja mesmo o jagunço. Afinal, como o próprio doutor reconhece: “o medo é a extrema ignorância em momento muito agudo”. E o narrador parece ter uma consciência difusa de suas incertezas, já que o tempo todo, ao caracterizar as ações de Damázio, ele o faz por meio de perguntas (“por esperteza?”), de suposições (“Se é que se riu”, “Se sério, se era”) ou do uso do condicional (“seriam seus prisioneiros”). (BUENO, 2014, p.157)

Damázio pode ser lido como uma metáfora do movimento que o leitor, de João Guimarães Rosa, é levado a fazer ao longo dessa escrita que também “enigma” determinados caminhos tomados no percurso da narrativa. A nuance intrincada e subjetiva desse trecho convida ao entendimento da heterogeneidade dos indivíduos em diálogo, e da possibilidade de ambos saírem significativamente modificados dessa trama de tergiversações e teatralização linguístico/corporal. Percebe-se que, nesse jogo, uma das características mais frequentes para desorientar, mental e psicologicamente, uma pessoa é mover-se por meio de contradições, de atitudes dúbias. E, Damázio dos Siqueiras, sem qualquer escrúpulo, afinal, um pistoleiro não iria se limitar seguindo regras sociais, ou mesmo, convenções de clareza em um diálogo, se vale desse mecanismo para desorientar e intimidar o médico para que este responda a sua questão. E assim o faz:

— Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-megerado... falmisgeraldo... familhasgerado...?* Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. (ROSA, 1994, p.394, grifo do autor)

Damázio, apesar de pronunciar-se verbalmente de modo gentil, desconstrói<sup>7</sup> essa amabilidade linguística por meio das transformações que impõe ao seu discurso corporal, de modo a metamorfosear o tom, supostamente, de paz, presente em sua fala, em uma tonalidade obscura, na medida em que mais insinua suas intenções do que propriamente as comunica diretamente<sup>8</sup>. Para tanto o pistoleiro vale-se também de um realce cênico nos gestos, nos arqueares de sobancelha, nas entonações vocais e nos sorrisos de ironia, para arquitetar seu jogo de dubiedades. No fundo, trata-se de construir seu poder, na medida em que o exercita, ou, de modo mais tático, trabalha o terreno sobre o qual visa instaurar sua vontade. Com efeito, o jagunço evidencia, com seu comportamento, que o jogo, entre ele e o médico, ali iniciado, não se trata apenas de um embate no campo da linguagem verbal

---

<sup>7</sup> Usa-se aqui o termo como postulado em Jacques Derridá: a desconstrução como desfiguração, desvios, rearranjos obtidos por meio dos jogos de oposição entre os contrários. (CULLER, 1984, p.200)

<sup>8</sup> Com o óbvio intuito de manipular a percepção do médico, “o jagunço lhe dá tempo para fazer aquilo que ele vinha fazendo, suposições”. (BUENO, 2014, p.158)

formal, no qual este estaria, obviamente, em desvantagem (Damázio não domina a linguagem dita erudita ou normativa), mas trata-se de um confronto que envolve a totalidade de um jogo teatralizado que pode, e será modificado, conforme os jogadores deem suas cartas. Desse modo, na quase totalidade do texto, é Damázio quem rege todo um mundo de subjetividades e representação que a narrativa literária teatraliza nesse conto.

Pode-se conjecturar que essas artimanhas, ancoradas em relações paradoxais, no que tange ao discurso verbal e ao corporal, empreendidas pelos dois personagens, aloquem os leitores em uma posição de igual equivalência, senão, muito próxima a dos três cavaleiros acompanhantes de Damázio. Cabe destacar que esses três em nenhum momento desceram de seus cavalos, permanecendo, comodamente sentados em suas montarias, a observar frontalmente – quase que, como leitores – a totalidade do espaço de ação narrativo, dentro do qual tudo se desenvolve. Consoante à linha construtiva do conto, nota-se que Rosa, bem como o pistoleiro Damázio, opta por construir a argumentação por meio de sugestões, não apresentando claramente suas intenções e motivos. Esse caráter elíptico do texto, mais do que um instrumento narrativo, permite a construção de uma rede de diferentes leituras, suposições e desconfianças por parte do leitor fruidor do texto.

Estariam esses três cavaleiros “leitores” inseridos como máscaras de leitores convencionais? Leitores estes, comodamente posicionados, atentos e silenciosos a decodificarem seus pontos de vista; a se instrumentalizarem frente à rede de insinuações e lacunas que a narrativa literária do conto deixa antever; no embate entre o popular e o erudito que se pode vislumbrar?

É perceptível, em dado momento do texto, que o jagunço Damázio exige dos três cavaleiros, por ele “encantoádos”, total e irrestrita atenção para com as entrelinhas do sinuoso colóquio que ali irá se desenvolver.

(...) o cavaleiro solertetinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, edos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. (ROSA, 1994, p.393)

Pode-se conjecturar que essa regência do pistoleiro, em relação aos seus acompanhantes, seja uma metáfora da condução provocativa que Guimarães Rosa oferece



ao leitor nesse conto. Da mesma maneira que o pistoleiro necessita da presença atenta dos cavaleiros, pode-se vislumbrar que, nesse conto, Guimarães Rosa reivindica a presença atenta do leitor. Para tanto, destaca-se aqui que Damázio, assim como Rosa na construção da narrativa, articula as palavras em suas expressões de modo a fazer “prisioneira” a percepção atenta e pormenorizada dos leitores dentro do texto.

## A AMBIÇÃO DO PODER ALHEIO

Nesse conto pode-se inferir, ainda, que o jagunço Damázio se apresenta como uma metáfora de homem do passado, até mesmo sua linguagem, de gente simples do interior, é ilustrada com a expressão arcaica: “vosmecês”, de modo a evidenciar seu caráter antiquado, de homem detentor de uma forma de poder que se esvai frente a um poder maior que é o conhecimento, e cujo representante é o médico; personagem que dá a conhecer um ser humano cujos ideais de vida divergem completamente dos padrões representados pela figura de Damázio. Ou seja, o jogo, entre eles em processo, é também ideológico, na medida em que se articula em meio a crenças e relações sociais, visando manter ou reproduzir determinada forma de poder. E o que, aqui, se entende como ideologia é “a maneira pela qual aquilo que dizemos e no que acreditamos se relaciona com a estrutura do poder e com as relações de poder da sociedade em que vivemos”. (EAGLETON, 2006, p.22). O embate estende-se, assim, também às duas classes sociais presentes no conto, pois

a estrutura de valores, em grande parte oculta, que informa e enfatiza nossas afirmações fatuais, é parte do que entendemos por “ideologia”. [...] Não entendo por “ideologia” apenas as crenças que têm raízes profundas, e são muitas vezes inconscientes; considero-a, mais particularmente, como sendo os modos de sentir, avaliar, perceber e acreditar, que se relacionam de alguma forma com a manutenção e reprodução do poder social. (EAGLETON, 2006, p.22)

Observa-se que, apesar de Damázio, na maior parte do tempo, ser aquele que dá as cartas nesse jogo de poderes, no momento em que ele recebe a resposta do médico<sup>9</sup> sobre o significado da palavra que tanto o inquietava: “— *Famigerado é inóxio, é "célebre", "notório", "notável"... — Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...*” (ROSA, 1994, p.395), o famoso matador, pela primeira vez, assume certo ar de submissão, pois demonstra não compreender o significado das palavras usadas pelo médico para lhe sanar a dúvida. A resposta do médico acabara por, de certo modo, lhe excluir do acesso ao conteúdo que ela abrigava, impedindo-o de encontrar, nessa resposta, o mínimo sopro de clareza que lhe permitisse expandir seu entendimento. Forçado a um exercício de humildade, Damázio pede para que o médico lhe explique o significado de famigerado em linguagem simples: “— (...) e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?” (ROSA, 1994, p.395).

O jagunço, nesse momento, ambiciona o poder do médico, o poder de se articular entre as palavras, manipula-las com competência, com autoridade. E esta ambição fica evidenciada em sua já citada afirmativa: “— *Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!*” (ROSA, 1994, p.396).

Por outro lado, o médico, até então, forçado a manter-se em uma postura defensiva, demonstra, após os diversos encadeamentos desse embate com o a fama do matador, ambicionar a qualidade que Damázio representa: o poder da intimidação por meio da força bruta, da fama de matador, de gente brava. E, em um tom de desabafo, declara: “— *Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado — bem famigerado, o mais que pudesse!...*” (ROSA, 1994, p.395).

Nessa parte específica do texto, evidencia-se outro plano, no qual a oposição entre duas culturas díspares, não apenas na conjuntura do embate, mas na vida, reflete uma

---

<sup>9</sup> Em sua resposta, o médico manipula o significado da palavra com a mesma liberdade e objetividade com que o próprio Guimarães Rosa transita entre as normas cultas, o popular e o neologismo. Desse modo, a palavra que o narrador articula presta-se, nesse instante, à ocultação do próprio sentido que ela carrega. Na percepção do médico, tal manipulação, naquela conjuntura, fazia-se necessária e justificada, pois oferecer a seu interpelador a verdadeira relação significante/significado da palavra “famigerado”, equivaleria a puxar o gatilho contra o mencionado rapaz do governo.

transformação ideológica, uma transformação no plano de valores de cada um dos indivíduos em confronto. Vislumbra-se, aqui, a partir das posições assumidas pelos personagens, que, nesse momento, exista uma espécie de comunhão celebrada pela ambição mútua do poder alheio. Essa celebração caracteriza-se como um instante de suave “destrealização” dos antagonistas, até então, submersos em suas táticas de articulação pessoal. Nesse diálogo – com matiz de admiração mútua – os dois envolvidos se pronunciam com mais liberdade em relação às qualidades que ambicionam um no outro.

## O TRIUNFO DA PALAVRA

A linguagem, além da construção narrativa, tem seus aspectos ideológicos, e “o poder do discurso crítico articula-se em vários níveis” (EAGLETON, 2006, p.306) de modo a impor determinada hierarquia, regulando, ainda que de modo sutil, os critérios de apreciação do que é digno de determinada valoração, de confiança e respeitabilidade, e excluindo qualquer outra coisa que se desvirtue desse modelo. Talvez não seja por acaso que, nesse conto, o detentor de valores e exemplo de virtude seja o médico, aquele que representa uma classe que repousa sobre os louros da respeitabilidade social, sobretudo, nas camadas menos instruídas.

Nesse conto, a palavra é quem esculpe e trabalha as motivações, as formas e os volumes psicológicos e culturais de cada personagem, ela é quem suavemente desfoca a imagem dos três “recessos” cavaleiros acompanhantes (quase um recurso decorativo, despidos das palavras), trabalhando-os como um artifício “plástico” de tridimensionalidade, de modo a agregar profundidade e presença ao plano de fundo do foco narrativo; ela é quem agrega as leves nuances que envolvem a postura do médico, ocultando o frio do receio que lhe circula as veias; ela é quem destaca a luz nas estritas descrições visuais do personagem Damázio, ao mesmo tempo em que adiciona sombras a sua linguagem oblíqua.

Assim vislumbrado, instaura-se nesse conto de Guimarães Rosa, um jogo dúplice e inter-relacionado. O primeiro, posto pelo texto da narrativa: um jogo interno, e o segundo, o jogo posto na construção dessa própria narrativa: um jogo externo. “Aliás, um texto que não contenha tensões entre elementos pertencentes ao seu sistema interno e externo teria pouco valor informativo.” (SANTAELLA, 1992, p.405)

No contexto dessa narrativa de João Guimarães Rosa, a palavra ocupa um lugar privilegiado dentro da construção simbólica e da estruturação de sentidos. São elas, as palavras, que respaldam o significado procurado por Damázio, e elas que, igualmente, ocultam a real articulação (entre o significante e o significado) operada na resposta do médico. Nesse confronto enunciativo, por mais intrincadas que sejam as técnicas postas em ação por cada um dos personagens, a força da palavra distingue-se entre as inúmeras insinuações e tergiversações, multiplicando as ramificações expressivas que se encontram no decorrer do texto, evidenciando a interioridade das figuras ficcionais, mesclando-lhes “cores”, reivindicando a humanidade que lhes anima dentro da narrativa, pois quanto mais o leitor se afasta

[...] da rica interioridade da vida pessoal, da qual a literatura é o exemplo supremo, mais descolorida, mecânica e impessoal se torna a existência. Trata-se de uma opinião equivalente, na esfera literária, ao que foi chamado de individualismo possessivo na esfera social, por mais que a primeira atitude possa rejeitar a segunda: ela reflete os valores de um sistema político que subordina a socialidade da vida humana à solitária empresa individual. (EAGLETON, 2006, p.297).

Todas as apreciações, até aqui desenvolvidas, conduzem a uma única certeza: nesse conto de Guimarães Rosa, a palavra é a grande vitoriosa. Médico e jagunço, autor e leitor, juntos, sucumbem ao poder da linguagem. O triunfo da palavra é, ao mesmo tempo, o poder irrestrito do leitor, a expressão máxima do autor, como também é a síntese de todos dentro de uma narrativa plena de sensibilidade e de significado.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Luiz. Segundas estórias: uma outra leitura de “Famigerado”. **O eixo e a roda**: v. 23, n. 1, 2014, pp. 147-164.

CULLER, Jonathan. **Sobre laDesconstrucción: teoría y crítica despuésdelestructuralismo**. Madrid: Cátedra, 1984.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LYRA, Pedro. Texto. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: \_\_\_\_\_. **Ficção completa, em dois volumes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 393-396.

SANTAELLA, Lucia. Ideologia. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

